

# Setor privado também comemora 35 anos do SUS

» FRANCISCO BALESTRIN

Médico e presidente do Sindicato de Hospitais, Clínicas, Laboratórios e Estabelecimentos de Saúde do Estado de São Paulo (SindHosp)

Em outubro, o Sistema Único de Saúde (SUS) completou 35 anos. A garantia constitucional de que “saúde é direito de todos e dever do Estado” é uma das maiores conquistas da sociedade brasileira de todos os tempos. Existem gargalos e dificuldades que precisam ser enfrentados com urgência, mas não é plausível analisar a trajetória do sistema apenas sob a ótica do meio copo vazio. Uma das maiores figuras do movimento pelos direitos civis nos EUA e no mundo, Martin Luther King já dizia que “não é necessário visualizar toda a escada”. O SUS é o maior sistema público de saúde do mundo. A estrutura e a capilaridade que possui pelo extenso território nacional podem não ser perceptíveis ao cidadão, mas merecem ser conhecidas e enaltecidas.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI) é um bom exemplo. Apesar de ser mais antigo (completou 50 anos em 2023), foi graças à infraestrutura de atenção primária montada no SUS que o país conseguiu controlar doenças imunopreveníveis como difteria, coqueluche, sarampo, caxumba, rubéola, febre amarela, entre outras. A vacinação contra a covid-19 atestou a expertise nacional no campo da vacinação, com mais de 1 milhão de brasileiros sendo vacinados diariamente, em média. Atualmente, o PNI é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como referência internacional e oferece cerca de 45 diferentes imunobiológicos para toda a população, dos recém-nascidos à terceira idade.

A criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 1999, é outra conquista do SUS. Presente em todos os estados, essa agência reguladora desenvolve papel técnico imprescindível para a segurança assistencial, e sua competência é reconhecida tanto pela OMS quanto pela Organização Pan-americana de Saúde (Opas), que a classifica como Autoridade Reguladora Nacional de Referência Regional para as Américas.

Ainda que muitos não enxerguem dessa forma, a regulamentação da saúde suplementar, vinda com a Lei nº 9.656, em 1998, é outra conquista do sistema de saúde brasileiro. O setor suplementar responde, atualmente, pela assistência a 50,8 milhões de usuários, segundo a

Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), ou 23,7% da população. É praticamente um quarto do contingente populacional que não depende exclusivamente do SUS, ainda que todos os brasileiros tenham direito e utilizem os serviços de promoção, prevenção e vigilância sanitária. Com os desafios econômicos que se apresentam para o Brasil e o estrangulamento orçamentário dos entes federativos (União, estados e municípios), alguém acredita que o SUS seria capaz de absorver essa demanda de milhões de indivíduos?

A saúde suplementar é um pilar assistencial importante para parcela significativa da população e desempenha papel imprescindível para o Estado, que pode priorizar o desenvolvimento de políticas sociais e de saúde dirigidas aos mais necessitados. Além de contribuir para que a assistência pública não fique ainda mais sobrecarregada, a saúde privada é inovadora em sua essência e dispõe de uma infraestrutura tecnológica e de qualidade comparável aos maiores e melhores centros de saúde mundiais. O Ministério da Saúde também deveria voltar a sua atenção para esse setor fundamental para o SUS e que atravessa uma crise sem precedentes, com perdas

financeiras sucessivas, altas taxas de sinistralidade e empresas de grande porte querendo deixar o mercado nacional.

Único é sinônimo de singular. Portanto, discursos sobre sistema público e/ou privado de saúde não cabem nesse conceito e na realidade brasileira. A própria agência que regula o setor suplementar, a ANS, está vinculada ao Ministério da Saúde, e os atendimentos realizados pelos serviços públicos aos usuários desse sistema devem ser ressarcidos ao SUS. Portanto, já passou a hora de pensar alternativas que aumentem a integração entre esses dois elos do sistema, garantindo maior acesso, resolutividade e sustentabilidade para toda a cadeia.

Em três décadas e meia, o sistema de saúde brasileiro obteve muitas conquistas e melhorou indicadores importantes, como a redução das mortalidades materna e infantil e o aumento da expectativa de vida. O SUS é patrimônio de todos os brasileiros. A construção de um país mais saudável, porém, exige um esforço contínuo de avaliação, reestruturação e mudanças de rota. Por isso, é preciso enaltecer os pontos positivos, identificar os problemas e trabalhar para que o SUS seja ainda mais inclusivo e equânime.



G O M E Z

## A César o que é de César

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS

General da reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

Foi objeto de pregações nos templos católicos, no último domingo, a passagem bíblica na qual fariseus e herodianos questionaram Jesus se os judeus deveriam pagar impostos de acordo com a lei romana ou seguir as escrituras sagradas.

Uma capciosa pergunta que visava a enredar Jesus, opondo-o ao povo ou aos romanos, conforme sua resposta. Onisciente, o Mestre percebeu a armadilha. Solicitou ao grupo um denário (moeda de larga circulação à época no Império Romano) antes de responder-lhes.

Quando lhe apresentaram a moeda com a imagem do imperador de Roma cunhada em uma das faces, estavam violando as próprias convicções religiosas. Ora, se rejeitavam o domínio romano, por que usavam uma moeda idólatra?

Olhando-os firmemente, Jesus admoestou-lhes: “Hipócritas! Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” A sabedoria do Filho antecipou o conceito de Estado laico, uma estrutura político-social que não deve recorrer a dogmas religiosos para resolver questões práticas do cotidiano.

Pessoas que vivem e usufruem de um mesmo território naturalmente devem pagar impostos para que os governantes possam implementar políticas públicas em benefício dos grupos.

Devem estar sujeitas a leis justas e obrigadas a cumpri-las, única forma de garantir justiça imparcial e equitativa diante de posições sociais antagônicas. Têm o direito de escolher livremente seus representantes por meio de um processo

eleitoral amplo e transparente que vise a buscar paz e bem-estar sociais.

No entanto, estamos vivendo sombrios tempos em que o Filho levantaria a voz e diria mais uma vez: Hipócritas! Sob a aparência de retidão de caráter, alguns políticos de direita usam a religião para se apresentarem como defensores da ética e da moralidade. Sob a aparência de equidade social, alguns políticos de esquerda usam a religião para se apresentarem como paladinos dos oprimidos.

Os primeiros se ajoelham diante dos refletores, buscando o melhor ângulo para a imagem a ser compartilhada nas redes sociais, mas desconhecem até mesmo os Dez Mandamentos. Os segundos se ajoelham diante dos refletores, com o mesmo propósito midiático, mas nunca estiveram nem perto da favela dos alagados.

Direita e esquerda são conceitos originados ao final do século 18, logo após a Revolução Francesa. Na Assembleia Nacional Constituinte, os simpatizantes da revolução, conhecidos como jacobinos, sentaram-se à esquerda da mesa, enquanto os defensores do rei e da Igreja Católica, conhecidos como girondinos, ficaram à direita.

Em geral, o conceito de esquerda está associado a mudanças na estrutura social vigente, enquanto o de direita está relacionado a sua conservação. Com o passar do tempo, essas variações políticas foram se ampliando e, hoje, basicamente, se encaixam em três vertentes, incluindo também os aspectos econômicos pela influência do Estado

(abstenho-me de tratar dos extremos).

A esquerda preconiza atuação estatal para reduzir a desigualdade social e controlar a economia. A direita valoriza a liberdade de empreender, enquanto estimula a atuação estatal na proteção de valores. O centro, oscilando entre a direita e a esquerda, captura tendências de ambos os polos.

Recomendo, como leitura sobre essas influências cognitivas, o livro de Norberto Bobbio, *Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção Política* (Editora Unesp, 2012).

É importante não mergulhar em maniqueísmos inflexíveis, tão comuns em nossos dias. Há pessoas liberais na economia e conservadoras em questões sociais. Assim como há pessoas conservadoras na economia e liberais em questões sociais.

Vê-se que não há correspondência entre ser de direita ou de esquerda, conservador ou liberal, e ser ateu, agnóstico ou seguidor desta ou daquela religião.

Em um Estado laico, afastado da religião, esses rótulos de direita ou esquerda se baseiam em conceitos econômicos e posições políticas. Fé e política não devem se misturar. A fé vem do céu, a política, da terra.

Todavia, os fariseus modernos estão por aí. Se eles persistirem em associar a fé a fins políticos, para desmascará-los, devemos, como sociedade, solicitar-lhes o denário que carregam escondido e, com a moeda à vista comprovando a desfaçatez, em seguida, chamá-los de hipócritas.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Bem-vindo à selva

Não tem saída: enquanto perdurarem os aumentos seguidos nos preços dos combustíveis, sobretudo do diesel, que alimenta as frotas de caminhões nas estradas, os preços dos alimentos nas gôndolas dos supermercados continuarão em ascensão acelerada.

Se formos somar a esse fenômeno perverso os constantes aumentos de impostos ordenados por um governo que parece ter perdido completamente as rédeas da economia, aí sim é que a elevação dos preços ao consumidor vai seguir em direção ao céu. Neste momento, que parece anteceder a mais um ciclo inflacionário de longa duração, os economistas, de modo geral, começam a suspeitar também dos números oficiais apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que pode significar um motivo a mais de preocupação para a população.

Sem referências corretas e sem dados confiáveis, resta aos brasileiros reativar o Data dona de casa, que, em outros momentos de inflação, serviu, muito bem, para que a população se mantivesse em estado de alerta permanente, pesquisando preços, optando por atacadistas, substituindo produtos por outros similares e adotando toda uma estratégia para defender suas finanças.

Da porta de casa para fora, os brasileiros sabem que só podem contar com pouquíssimas pessoas, assim mesmo não de modo total. Em períodos de crise econômica que se avizinharam, a melhor tática é desconfiar de todos, sobretudo do governo e de seus agentes e de suas políticas ilusórias. Em tempos assim, muitos chegam a fazer o oposto do que recomendam as autoridades, estocando alimentos, poupando em dólar ou o que for, desde que não fiquem amarradas às condições impostas pelos governantes.

Não existe, até hoje, instituto de pesquisa ou de estatística mais fiel do que observar in loco os preços dos produtos, sejam em supermercados, feiras, depósitos ou outros onde os produtos ficam ao alcance da vista dos consumidores. Os empresários também conhecem na pele os efeitos provocados por um governo sedento de impostos e taxas. Contra isso também fazem o que podem para não verem reduzidos suas margens de lucro.

Não são poucas as empresas que, desde o início deste ano, fecharam as portas devido às condições impostas pela política econômica do governo. Os que permanecem fazem o que podem para não sucumbirem, aumentando os preços ou mesmo reduzindo o volume dos produtos ou simplificando as formas de apresentação do mesmo. Tudo vale a pena se a política econômica é pequena.

A situação parece ter entrado num ciclo tão melindroso que, para a acompanhar a atual realidade, foi criado um neologismo, o reduflação. Trata-se de um fenômeno em que os produtos e mercadorias expostos aos consumidores nas gôndolas no comércio mantêm seus preços ou sofrem uma variação para cima, sendo que o volume desses mesmos produtos ofertados diminuem ou encolhem de tamanho.

A continuar nessa toada, chegará o dia em que um pacote de biscoitos conterà apenas uma ou duas unidades por embalagem, mesmo assim ao preço de um pacote grande. Como disse certa vez um jornalista estrangeiro em visita de trabalho ao Brasil: Bem-vindo à selva.

### » A frase que foi pronunciada

“Grande parte da inflação é autoconstruída, está na cabeça da gente”

Alberto Fernández, presidente da Argentina

### Atividades

» Sempre foi grande a demanda da população na conservação dos equipamentos esportivos e dos parquinhos infantis. O GDF começou as reformas e novas construções de parquinhos em todas as regiões administrativas. O esporte e a música são duas portas para salvar as crianças em situação de vulnerabilidade.

### Tchau

» Quem mora no ParkWay e optou por telefone fixo da Oi está passando apuros. A linha não funciona, as reclamações são recebidas, mas o problema não é resolvido.

### Ronda

» Por falar em ParkWay, aquela região precisa de um policiamento mais ostensivo. O índice de assaltos e, agora, estupro tem alarmado os moradores.

### » História de Brasília

Com esta medida, a Justiça recebe o apoio de toda a cidade, e, particularmente, do comércio de Brasília. A valorização do uso de cheque tem que ser defendida, e a sua moralização é necessária. (Publicada em 24/3/1962)